



O PORTO NO CORAÇÃO

Por **Laura Castro**

Se um destino comum é difícil de conter no quadro estreito de uma sala e dos seus dispositivos de exposição, imagine-se o desafio que é apresentar a vida de Germano Silva, feita no jornalismo, na divulgação do património e na história.

Na sua vida insinuam-se muitas vidas do passado e do presente: as das grandes personagens da história e as das figuras pitorescas do Porto; as dos protagonistas de grandes acontecimentos e as dos portuenses anónimos; as dos colegas de profissão e as dos amigos; as de quantos se cruzaram com o repórter e as de todos os que o seguem nas visitas à cidade.

Cada livro, objeto, documento ou recorte de jornal que aqui se encontra é um sinal de uma jornada inconclusa. Como a curiosidade de Germano Silva não tem limites e o seu interesse pelo Porto também não, o seu espírito colecionista tratou de reunir tudo o que servia esses propósitos.

Impossível de abarcar na totalidade, difícil de classificar e de organizar no tempo curto que é o desta exposição, o espólio reunido ao longo da vida mostra-se em fragmentos avulsos e incompletos.

O que aqui não se mostra são as histórias que cada objeto transporta porque essas pertencem a Germano Silva e é da sua boca que gostamos de as ouvir. Ninguém se aborrecerá nunca ao lado deste homem, conhecedor dos enredos do Porto, cronista dos seus mistérios, caminhante incansável das suas ruas.

Germano Silva está no coração dos portuenses e o Porto é certamente o seu coração, como pretendia o escritor.

Serão os portuenses o coração do Porto ou será o Porto o seu coração?

Manuel António Pina



Jornal de Notícias

O PORQUÊ DESTA EXPOSIÇÃO



Com Nuno Canavez
na Académica

Muitas vezes, e nas mais diversas circunstâncias, me perguntam onde encontrei determinada história, que serviu de tema a uma das crónicas que semanalmente publico no “Jornal de Notícias”; ou, ainda, onde fui buscar certa imagem que aparece a ilustrar uma ou outra crónica.

A resposta que dou é invariavelmente a mesma: é nos arquivos, que frequento com regularidade; ou nos alfarrabistas, de que sou visitante contumaz, que encontro os documentos onde vou buscar essas histórias e as imagens com que as ilustro. Ao percorrer esta exposição, o visitante compreenderá melhor o que atrás fica dito.

Julgo poder dizer, sem qualquer assomo de jactância, que devo ser, hoje, o possuidor de uma das mais completas bibliotecas sobre assuntos portuenses, tendo em conta não apenas a bibliografia propriamente dita, mas também os folhetos, que são milhares; uma boa coleção de almanaques portuenses do século XIX; os manuscritos e muita outra documentação avulsa.

Desde há muito que era meu desejo dar a conhecer aos leitores das minhas crónicas, em especial, mas também aqueles que me acompanham (e são mesmo muitos) em “passeios”, aí pela cidade, e aos portuenses, de uma maneira geral, este património documental único, permitam-me esta vaidadezinha. Embora eu tenha a perfeita consciência de que só muito incompletamente atingi o objetivo desejado.

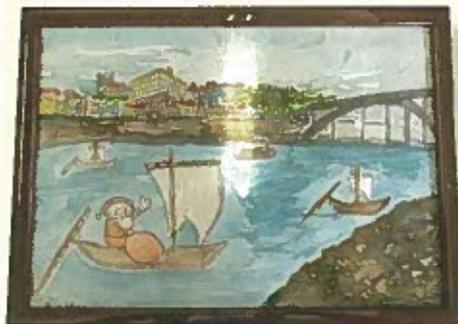
É, em grande parte, através da leitura atenta destes “papéis” que vou ficando a conhecer melhor a história desta cidade e as histórias das suas gentes – do passado e do presente.

Antes, porém, de poder ler esses documentos, tive primeiro de os procurar e foi na Livraria Académica, de Nuno Canavez, que encontrei a quase totalidade dos documentos aqui expostos. Devo-lhe esta homenagem, que vai acompanhada de um agradecimento muito sincero.

Porto, outubro de 2016
Germano Silva

Nota explicativa

Não é possível, num simples desdobrável, fazer a apresentação individual de todos os objetos, livros e documentos patentes nesta exposição, através dos quais se pretende dar uma ideia do que tem sido o percurso de vida do cidadão, do jornalista e, sobretudo, do historiador do Porto que é o Germano Silva. Por isso pedimos-lhe que, de entre a vasta e rica panóplia de documentos expostos nesta mostra, destacasse três ou quatro que tenham para si um especial significado.

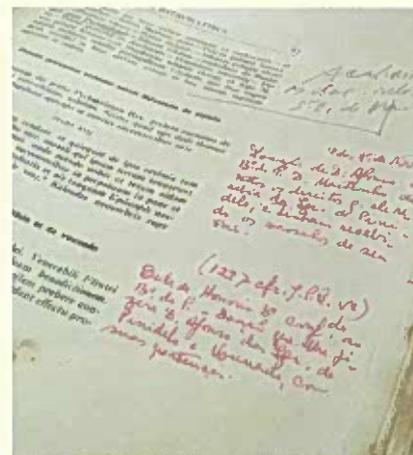


CIDADE DO AMOR

Ir a escolas, coletividades, juntas de freguesia ou universidades da terceira idade, para falar do Porto e das gentes que fizeram do velho burgo medieval a cidade que é hoje Património da Humanidade, é das coisas mais gratificantes que me podem acontecer. Tomo e assumo essas ações como um privilégio e por isso nunca as recuso. E, no fim, os meus anfitriões ainda me brindam com recordações dos momentos vividos em comum que vão de simples objetos a verdadeiras obras de arte, como é o caso desta, em que se reproduz uma das pontes da cidade. É uma colagem feita, deliberadamente, com o recurso a um papel de jornal, para ser oferecida ao jornalista. Guardo-a, entre muitas outras, com muita estima e carinho.

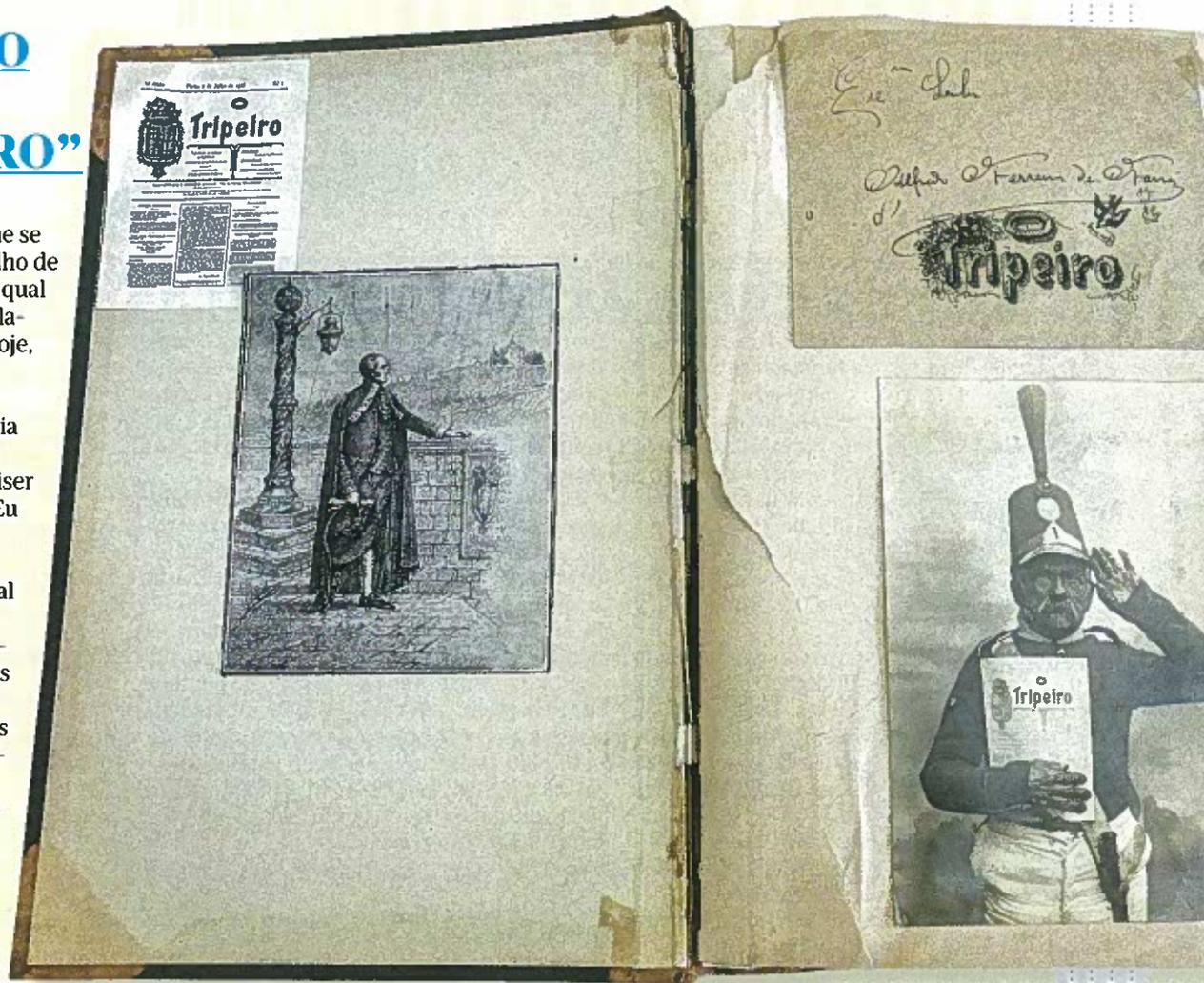
CENSUAL DO CABIDO

Quando, por meados dos anos cinquenta, do século XX, conheci, pessoalmente, o dr. Artur de Magalhães Basto, já ele era o meu Mestre da história do Porto porque, por essa altura eu já possuía três ou quatro livros dele e era fiel leitor da crónica “Falam velhos manuscritos” em “O Primeiro de Janeiro”. Ao longo dos anos, fui adquirindo os outros livros por ele publicados e também alguns volumes que pertenceram à sua biblioteca. Entre estes, veio parar às minhas mãos o “Censual do Cabido”, numa edição de 1924, que tem a particularidade de apresentar muitas das suas páginas com notas e comentários escritos pelo próprio punho do dr. Magalhães Basto – o que muito valoriza e enriquece a obra em causa.



ARQUIVO DE “O TRIPEIRO”

A revista “O Tripeiro”, que se publica no Porto desde julho de 1908 até ao presente, e da qual tive a honra de ter sido colaborador, é considerado, hoje, e muito justamente, aliás, como sendo o mais completo repositório da história portugalense. É de leitura obrigatória para quem quiser saber mais desta cidade. Eu tenho o raro privilégio de possuir o arquivo em que se guarda parte substancial das fotos e desenhos que foram utilizados nas revistas dos três primeiros anos da publicação. Com uma curiosidade: algumas fotos e alguns desenhos são originais, logo verdadeiras preciosidades. Na primeira página desse arquivo figura, por exemplo, um envelope dirigido ao diretor da revista com um desenho original de Manuel Monterroso.



O CRIME DA RUA DO SOL

Como jornalista, sempre me considerei um simples aprendiz de repórter. E ainda hoje, ao fim de mais de sessenta anos de profissão, tenho plena consciência de que continuo a aprender. A minha coroa de glória, enquanto repórter (permitam-me este assomo de vaidade), foi o trabalho que, nos idos de sessenta do século passado, fiz sobre o crime da Rua do Sol – assim designado por ter ocorrido na aquela típica artéria portuense. As reportagens do IN contribuíram significativamente para a descoberta e consequente prisão do criminoso. O mais gratificante desse trabalho aconteceu, todos os dias, já de madrugada, com mais uma edição do IN prestes a sair para a rua quando ouvia o chefe de Redação dizer-me: “Amanhã vamos continuar, está a correr bem, estamos a vender papel...” O êxito da reportagem valeu-me a promoção de repórter a redator.



O PRIMEIRO LIVRO

“À descoberta do Porto” foi o meu primeiro livro. Nele reuni uma mão-cheia das crónicas que, com o mesmo nome, vinha publicando (e ainda continuo a publicar) aos domingos nas colunas do IN. O livro ficou muito valorizado com as fotografias da fotojornalista Lucília Monteiro. A capa tem uma particularidade curiosa: mostra uma imagem que já desapareceu do tecido urbano da cidade: a antiga Praça de Lisboa com a escultura “A Anja” do meu saudoso amigo José Rodrigues.



A OUTRA CIDADE

Uma cidade é um ser inumerável e secreto, capaz de infundado amor tanto quanto da mais fria indiferença. Porque as cidades são, como os homens, dadas ao mistério obscuro dos afectos, desdenhando de intrusos e turistas e também daqueles que a lisonjeiam e cortejam.

Por sua vez, a relação dos homens com as cidades é quase sempre útil e apressada de mais, cega às raízes de onde cresce o seu mais profundo corpo (há quem fale, antes, da sua alma, uma alma física e palpável), constituído, também, esse corpo, de ruas e de gentes, de memórias e de instantes, mas onde só é possível alcançar munido de paciente amor e de intransigente fidelidade.

Quando assim acontece, quando os olhos que vêem são, por uma vez, suficientemente vastos e descomprometidos, as cidades, finalmente, desocultam-se e oferecem-se. E o que, então, delas fica à vista é tão – só, e afinal, um errante e humano, se calhar demasiadamente humano, coração.

Saio com o Germano do jornal e descemos pela Rua de Camões até à Trindade. Subitamente estamos os dois em meados do século XVIII, entre terras da Mitra e dos Lázarus, atravessamos campos de cultivo, lameiros, hortas, pomares, a Quinta do Laranjal e a do Campo da Cancela, subimos ao Monte da Doida e chegamos, numa certa madrugada, mais de 150 anos depois, ao campo de Santo Ovídio, donde, pelo mesmo caminho que um dia os soldados de D. Pedro pisaram, descem agora, em direcção à Praça Nova, rodeados de povo em festa, os conjurados do 31 de Janeiro. Daqui a pouco, ao cimo da Rua de Santo António, no meio do fumo e da gritaria, muitos deles tombarão para sempre. Na Quinta dos Resendes (ou dos Figueirôas, ou dos Pamploas?), entrevemos de súbito o vulto esguio de Eça de Queirós; Camilo está sepultado mais adiante, na Lapa (ou Monte de Germalde?, ou no Lugar do senhor do Olho Vivo?), onde ecoam ainda, vindos do fundo dos tempos, os sermões inflamados do padre Siqueira e a chiadeira das diligências subindo a Estrada de Braga, carregadas de viajantes que sussurram padre – nossos, temerosos dos assaltos e das emboscadas.

O Porto com o Germano ao lado transfigura-se, multiplica-se em infinitas e desencontradas cidades, enche-se de vozes e de silêncios, de nomes, de mistérios, de passagens secretas, de pedras, de rostos, de glória e ignomínia, de ambição e desmesura, de tragédias, de destinos, de histórias que fluem lentamente da memória colectiva e se perdem, depois, nos inconcretos limites da lenda. O Germano sabe (de uma ciência única e antiquíssima) de cada recanto do Porto, de cada coisa, de cada gesto; andou por entre os insurrectos de Massarelos, assistiu, do meio do povo transido, aos enforcamentos da Praça Nova, perdeu noites no Botequim das

Hortas e jogou cartas e conspirou no Guichard, acompanhou em lágrimas, desde a beira-rio até à Lapa, o cortejo com a urna de prata transportando o coração de D. Pedro, fugiu à frente dos soldados de Soult e, com todos os outros, também ele perdeu a vida na Ponte das Barcas; morreu e renasceu mil vezes, semovente e plural como a cidade comum, a de todas as épocas e a de todas as circunstâncias.

Se, à semelhança dos homens-livro de Fahrenheit 451 há também homens-cidade, o Germano é o Porto, ininterruptamente cantando, em crónicas de jornal ou em conversas rua abaixo, o seu imenso e desprendido “Canto a mim mesmo”. Porque as cidades são feitas também de sangue e de nervos, de pesadelos e de sombras. E têm um rosto, um rosto de homem. Felizes aqueles que, como eu, puderam um dia, pelos acasos do destino e do coração, entrever esse rosto. Porque esses ficaram então, como eu fiquei caminhando, vezes sem conta, com o Germano pelas ruas do Porto, mais próximos também de si próprios.

Manuel António Pina

Prefácio feito para o livro “À descoberta do Porto”, o primeiro do Germano Silva publicado, em 1999, pela Editorial Notícias com fotografias de Lucília Monteiro.

Germano Silva, o Porto no Coração

Coordenação
Laura Castro
José Ferrão Afonso

Apoio e montagem/CMP
Albertino Ribeiro
Adão Fonseca
Rute Reimão

Casa do Infante
13 de outubro a 27 de novembro

Horário:
Todos os dias
9h30 – 12h30 e 14h30 – 17h30
Encerra aos feriados

Casa do Infante
– Divisão Municipal de Arquivo Histórico
Rua da Alfândega, 10
4050-029 Porto

